

DESENVOLVIMENTO DE EMPATIA COMO PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO AO BULLYING: vivências entre estudantes do Ensino Fundamental

Camila Mugnai Vieira¹
Alexandre Simão²
Ana Beatriz Jardim Roque³

Resumo: O *bullying* é caracterizado pela violência física ou verbal entre pares, intencional e repetitiva. Na escola, estudantes podem envolver-se nestas situações como agressores, vítimas e/ou testemunhas, podendo gerar repercussões negativas para a saúde física, mental e para o desempenho escolar de todos. O desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especificamente da empatia, pode estar relacionado às formas de participação dos jovens em vivências dessa natureza. Este projeto teve o objetivo de elaborar, realizar e avaliar intervenções educativas, por meio de Oficinas para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especialmente a empatia, junto a estudantes de escola estadual de Ensino Fundamental – Anos finais, com intuito de prevenção e enfrentamento do *bullying* no contexto escolar. Os alunos de 4 turmas, uma de cada série da escola, de sexto ao nono ano, passaram pelas Oficinas, organizadas em 4 encontros, de aproximadamente 1 hora e meia cada, nos quais foram utilizadas estratégias variadas, como debate de vídeos, dinâmicas de grupos, jogos e dramatizações. Foram abordados temas como relações interpessoais, sensibilização para o outro e a diversidade humana, assertividade na comunicação, escuta ampliada, comunicação não verbal, aprendizagem cooperativa e ética. Após as Oficinas, solicitou-se aos estudantes narrativas reflexivas sobre suas vivências neste processo, que passaram pela Análise de conteúdo, modalidade temática. Os resultados das análises das narrativas de 89 estudantes 03 Unidades Temáticas: 1. Empatia, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal; 2. Clima escolar e relações interpessoais na escola e 3. Manejo e condução das oficinas. Conclui-se que as Oficinas receberam a validação social dos estudantes, que perceberam impactos positivos em vivenciá-las.

Palavras-chave: Bullying. Empatia. Estudantes.

DEVELOPMENT OF EMPATHY AS PREVENTION AND COMBATING OF BULLYING: experiences among middle school students

Abstract: Bullying is characterized by intentional and repetitive physical or verbal violence among peers. In schools, students can engage in these situations as aggressors, victims, and/or witnesses, which potentially leads to negative repercussions for the physical and mental health and academic performance of all involved. The development of socioemotional skills, specifically empathy, may be related to how young people participate in such experiences. This project aimed to design, conduct, and evaluate educational interventions through Workshops for the development of socioemotional skills, especially empathy, with students from a state middle school, in order to prevent and address bullying in the school context. Students from four classes, one from each grade level, from sixth to ninth grade, participated

¹ Docente do Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília-SP. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPQ "Diferença, Desvio e Estigma", Doutora e Pós-doutora em Educação. E-mail: camila.mugnai@unesp.br.

² Mestre em Educação - Unesp / Marília, Graduado em História - Unesp / Assis, Coordenador Pedagógico na Rede Pública do Estado de São Paulo, GEPAEFE - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Administração Escolar e Formação de Educadores - Unesp /. E-mail: alexandresimao@prof.educacao.sp.gov.br.

³ Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Marília. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Unesp. E-mail: ana.roque@unesp.br.

in the Workshops which were organized into four sessions, each approximately one and a half hours long. Various strategies were used, such as video discussions, group dynamics, games, and role playing. Topics covered included interpersonal relationships, sensitivity towards others and human diversity, assertiveness in communication, active listening, non-verbal communication, cooperative learning, and ethics. After the Workshops, students were asked to provide reflective narratives about their experiences in this process, which were analyzed using Thematic Content Analysis. The analysis of the narratives from 89 students resulted in three Thematic Units: 1. Empathy, self-awareness, and personal development; 2. School climate and interpersonal relationships in school; and 3. Workshop management and conduction. It was concluded that the Workshops received social validation from the students, who perceived positive impacts from experiencing them.

Keywords: Bullying. Empathy. Students.

DESARROLLO DE LA EMPATÍA PARA LA PREVENCIÓN Y EL ENFRENTAMIENTO AL *BULLYING*: vivencias de estudiantes de Educación Primaria.

Resumen: El *bullying* se caracteriza por la violencia física o verbal entre pares, intencional y repetitiva. En las escuelas, los estudiantes pueden verse envueltos en estas situaciones como agresores, víctimas o testigos, hecho que puede generar repercusiones negativas para la salud física, mental y el desempeño escolar de todos. El desarrollo de habilidades socioemocionales, específicamente de empatía, puede estar relacionado con las formas de participación de los jóvenes en vivencias de esa naturaleza. Este proyecto tuvo como objetivo elaborar, realizar y evaluar intervenciones educativas por medio de Talleres para el desarrollo de habilidades socioemocionales, especialmente la empatía, con estudiantes de escuelas estatales de Educación Primaria, de los años finales. Dichos Talleres tuvieron como objetivo la prevención y el enfrentamiento de *bullying* en el contexto escolar. Los alumnos de 4 grupos, uno de cada año de la escuela, de sexto a noveno año, pasaron por los Talleres, organizados en 4 encuentros de aproximadamente 1 hora y media cada uno, en los cuales se utilizaron estrategias variadas, como debate de videos, dinámicas de grupos, juegos y dramatizaciones. Fueron abordados temas como relaciones interpersonales, sensibilización para con los otros, diversidad humana, assertividad en la comunicación, escucha ampliada, comunicación no verbal, aprendizaje cooperativo y ético. Luego de los Talleres, fueron solicitadas a los estudiantes narraciones reflexivas sobre sus vivencias en este proceso, que pasaron por el Análisis de contenido, modalidad temática. Los análisis de las narraciones de 89 estudiantes dieron como resultado 03 Unidades Temáticas: 1. Empatía, autoconocimiento y desarrollo personal; 2. El clima escolar y las relaciones interpersonales en la escuela y 3. Manejo y conducción de los Talleres. A modo de conclusión, los Talleres recibieron la validación social de los estudiantes, quienes percibieron impactos positivos a partir de las vivencias que estos les proporcionaron.

Palabras clave: Bullying. Empatía. Estudiantes.

Introdução

A violência escolar engloba as dimensões física, socioculturais e simbólicas. Decorre da interrelação entre três conjuntos de variáveis independentes, tornando-a multidimensional (Kappel et al., 2014). Apesar de certa variabilidade sociocultural, o *bullying* é de modo geral caracterizado pela violência entre pares, intencional e repetitiva, envolvendo desequilíbrio de

poder entre vítimas e agressores (Silva et al., 2016). As agressões podem ser de natureza física, verbal ou relacional (Sampaio et al., 2015).

O ambiente escolar é um espaço repleto de interações sociais, que apresentam desafios relacionados à diversidade humana. As formas de encarar múltiplas diferenças, de gênero, etnia, condições físicas, deficiências, desempenho escolar, religião, sexualidade, ideias, escolhas, entre tantas outras, das mais sutis às mais evidentes, podem gerar conflitos e dificuldades de comunicação e nos relacionamentos interpessoais. Ao mesmo tempo, o contexto escolar é extremamente potente para o aprendizado relacionado a competências socioemocionais e o desenvolvimento de relações interpessoais mais salutares.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento do ciclo da vida humana na qual ocorrem muitas transformações. Há mudanças no corpo, busca pelo reconhecimento de uma identidade pessoal, construção gradativa de autonomia e independência, necessidade de pertencimento grupal, o que costuma intensificar crises nas relações interpessoais diversas. Neste contexto, os conflitos entre jovens no ambiente escolar podem ser densos, tornando as interações entre os estudantes problemáticas e até mesmo violentas.

Ao mesmo tempo, enquanto sujeitos ativos, os adolescentes são capazes de elaborar novas formas de ser, criar possibilidades existenciais, sociais e políticas inovadoras (Ozella, 2003). O desenrolar desta fase da vida e suas repercussões depende das influências mútuas entre os fatores individuais e os contextuais.

O Governo Federal lançou em 2015 o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, lei nº 13.185 (Brasil, 2015), que determina que todos os estabelecimentos de ensino devem desenvolver medidas de identificação, prevenção e combate ao *bullying*. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2016) apresentou entre as dez competências gerais que devem ser trabalhadas nas escolas, algumas com abordagem socioemocional, como autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania.

A empatia tem sido considerada um elemento essencial nesse aspecto. De modo geral, podemos defini-la como um processo psicológico ou uma habilidade multidimensional que apresenta três componentes: afetivo (a capacidade de se sensibilizar com as experiências do outro), cognitivo (a capacidade de entender o outro e comunicar esse entendimento) e comportamental (intenção de ajudar e ações nas relações estabelecidas) (Hojat et al., 2002).

Embora não haja consenso, diversas pesquisas vêm apontando relações entre a empatia e o envolvimento em situações de *bullying* (Neves, 2020). Por se tratar de uma habilidade que pode ser aprendida, a empatia deve ser abordada em contextos educacionais formais e informais. Para tanto, são necessárias estratégias de ensino que tenham a intencionalidade de desenvolver esta habilidade.

Em caráter amplo, pode-se dizer que as possibilidades educacionais para o desenvolvimento da empatia são diversas e ocorrem em atividades inseridas na grade curricular e/ou de modo extracurricular. Nesse percurso, diferentes abordagens podem ser adotadas, inclusive de modo articulado, motivando o estudante por diferentes vias, focando o desenvolvimento de autoconhecimento, valores, ética e cooperação.

Segundo Bombeke et al. (2011), entre as estratégias mais comuns, o treinamento em habilidades de comunicação e relacionamento interpessoal com foco no componente cognitivo empatia vem sendo empregado com maior frequência.

Entretanto, é preciso reforçar que a eficiência dessas intervenções no espaço escolar depende de sua articulação e planejamento, de modo a evitar ações isoladas que possam desencadear situações de constrangimento ou abordagens equivocadas sobre temas sensíveis. Segundo Tognetta et al. (2017), para se combater o *bullying* é necessário um projeto elaborado de forma sistematizada, ações contínuas, trabalhadas coletivamente, no sentido da construção de valores, uma vez que se trata de um problema moral.

Diversas escolas têm se empenhado para desenvolverem projetos e atividades relacionadas ao tema. Nesse contexto, destacam-se as potencialidades da interface entre as áreas da Saúde e da Educação, uma vez que ambas acumulam saberes que podem ser articulados a fim de ações mais efetivas. Especificamente conhecimentos e técnicas da Psicologia Social e da Psicologia do Desenvolvimento podem contribuir para intervenções transformadoras do ponto de vista de mudanças de atitudes sociais, concepções e relações interpessoais.

Evidencia-se, portanto, a importância de ações junto a estudantes, no sentido de contribuir para prevenção e combate à violência e o *bullying* no ambiente escolar, por meio do desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especificamente a empatia.

Diante do exposto, cabe destacar que esta pesquisa está de acordo com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) – “Assegurar

a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos:

Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ONU, 2022).

Fundamentação teórica

As concepções que as pessoas constroem sobre o mundo, sobre as outras pessoas e sobre si mesmas desenvolvem-se em uma complexa relação entre objetividade e subjetividade. Elas dependem do contexto sócio-histórico-cultural e também abrangem fenômenos individuais, como experiências pessoais, sentimentos, valores e crenças. Há uma profunda relação entre o singular e o plural na constituição do ser humano e no desenvolvimento de suas funções psicológicas, pois nas interações sociais, os sujeitos vivenciam experiências para as quais constroem sentidos internos (Vygotsky, 1989). Nesse mesmo sentido, as relações no âmbito escolar têm relação com aspectos da subjetividade, cognitivos, comportamentais, emocionais, e com elementos do contexto escolar, cultura difundida no ambiente, mediações educacionais e de conflitos realizadas, concepções de diversidade, gênero, capacitismo, racismo, entre outros.

Nas escolas brasileiras, no ano de 2015, a prevalência de *bullying* foi de 28%, considerada elevada em comparação às taxas de outros países (Oliveira et al., 2016). As práticas mais comuns foram agressões verbais (75,4%), agressões emocionais (18,4%) e agressões físicas (6,2%), (Vianna et al., 2015).

Há três formas específicas de envolvimento dos jovens nas situações de *bullying*: vítimas/alvos de *bullying*; agressores/perpetradores e vítimas/perpetradores, ou seja, crianças ou adolescentes que são alvos de *bullying* em um momento e, em outro, perpetram *bullying*. Existem também as testemunhas, que presenciam os episódios e podem exercer papel decisivo, a depender de sua conduta (Howard; Landau; Pryor, 2014).

Os impactos das vivências de violência escolar e *bullying* podem ser intensos na saúde física e mental, na qualidade de vida e desenvolvimento escolar dos envolvidos (Silva et al.,

2019). Vítimas de *bullying* têm maior probabilidade de apresentarem baixo rendimento escolar (Valle et al., 2015); dificuldades nas interações e socialização (Souza et al., 2017); sintomas de stress (Sousa; Stelko-Pereira, 2016); transtornos depressivos, e até de se suicidarem (Holt et al., 2015), com evidências de impacto também na vida adulta (Wolke; Lereya, 2015).

Os grupos ou indivíduos considerados desviantes são desvalorizados e segregados da sociedade. Podem, também, serem tratados a partir de seu estigma e expectativas associadas aos estereótipos das categorias às quais foram classificados e não como sujeitos com suas particularidades. Em determinadas culturas, de acordo com seus padrões de normalidade e contexto, são atribuídos valores negativos a algumas categorias, sendo seus membros desacreditados socialmente (Goffman, 1988). A depender do contexto, especificamente estudantes pertencentes a grupos considerados desviantes e/ou estigmatizados socialmente podem ser alvo de mais discriminações e/ou agressões, como pessoas com deficiências, homoafetivas, transgênero, negras, entre outras.

Os efeitos negativos e a magnitude do *bullying* evidenciam a necessidade de reduzi-lo e preveni-lo no ambiente escolar. Ações educativas, especialmente com a participação ativa dos professores, tem na maioria das vezes, efeitos positivos (Ttofi; Farrington, 2011).

Estudos evidenciaram que jovens com menor empatia estavam mais envolvidos em situações de agressão (Van Noorden et al., 2015; Brewer; Kerslake, 2015). Jenkins et al. (2014) e Jenkins e Nickerson (2019) identificaram maior manipulação das vítimas por parte de agressores com menor empatia, bem como baixos níveis de empatia até entre vítimas, com dificuldades de tomada de perspectiva, possivelmente em função de sua inferiorização diante das situações de *bullying* vivenciadas. Ricci e Cruz (2021), em revisão sistemática da literatura, concluíram que o desenvolvimento de competências socioemocionais pode trazer benefícios que vão além da prevenção da violência escolar, contribuindo também para a aprendizagem e para a vida dos alunos além da escola.

Como já mencionado, a empatia configura uma habilidade possível de ser aprendida e que gradualmente vem sendo incorporada nas matrizes curriculares das redes de ensino pública e privada. Técnicas de dramatização, vivências, simulação realística e o chamado *roleplaying*, no qual os estudantes experimentam diferentes papéis, também tem indicado aumento da habilidade empática (Lim; Moriarty; Huthwaite, 2011). A utilização de recursos artísticos e

audiovisuais, bem como da literatura, cinema e poesia, com debates e reflexões, também tem apresentado resultados positivos para o ensino da empatia (Muszkat et al., 2010). A narrativa reflexiva sobre experiências pessoais e vivências acadêmicas também tem se mostrado procedimento eficaz, aumentando a empatia de estudantes quando utilizados (Shapiro et al., 2006).

Frente ao exposto, é preciso salientar que para aumentar as chances de efetividade de intervenções para prevenção e enfrentamento do *bullying* na escola, é necessária uma avaliação criteriosa do contexto escolar e das relações estabelecidas. As vivências dos estudantes, vítimas e/ou agressores e/ou testemunhas, bem sua interação com variáveis sociodemográficas, incluindo a empatia, compõem parte destes elementos (Araújo; Coutinho, 2020).

Conhecendo o perfil dos envolvidos, é possível criar estratégias que trabalhem de acordo com suas necessidades. Junto a agressores, por exemplo, o foco deve ser a humanização de sua forma de perceber o outro e sensibilização sobre as consequências de seus comportamentos. Já as vítimas precisam desenvolver autoestima e autoconfiança para lidarem com conflitos. Testemunhas devem desenvolver empatia e se fortalecerem para mediar e/ou denunciar situações observadas (Górriz; Gómez; Badenes, 2011).

Evidencia-se, portanto, a importância deste projeto junto a estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais (11 aos 14 anos), pois a melhor compreensão destes fenômenos pode contribuir para intervenções mais eficazes de prevenção e combate da violência escolar.

O objetivo desta pesquisa foi elaborar, realizar e avaliar intervenções educativas, por meio de Oficinas para desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especialmente a empatia, junto a estudantes de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental – Anos finais, com intuito de prevenção e enfrentamento do *bullying* no contexto escolar. Neste sentido, foram preparadas e realizadas Oficinas para desenvolvimento de habilidades socioemocionais e empatia junto aos estudantes e analisou-se as percepções dos estudantes e comunidade escolar sobre a intervenção realizada.

Método

O estudo foi realizado durante o ano de 2023, em uma escola da periferia de uma cidade de médio porte do interior paulista. Todos os estudantes foram convidados, tendo 285

participado de algum momento do projeto. Foram aplicados instrumentos quantitativos e realizados cálculos estatísticos para avaliação dos resultados da intervenção, discutidos em outros trabalhos. Neste artigo, enfocam-se os resultados qualitativos, obtidos junto a 89 estudantes, que após as Oficinas, apresentaram narrativas reflexivas sobre suas vivências.

Os estudantes de quatro turmas, uma de cada série da escola, de sexto ao nono ano, passaram pelas Oficinas, organizadas em quatro encontros, de aproximadamente uma hora e meia cada, nos quais foram utilizadas estratégias variadas, como debate de vídeos, dinâmicas de grupos, jogos e dramatizações. Foram abordados temas como relações interpessoais, sensibilização para o outro e a diversidade humana, assertividade na comunicação, escuta ampliada, comunicação não verbal, aprendizagem cooperativa e ética. Os jovens foram estimulados à participação ativa, bem como professores e demais pessoas da comunidade escolar que se disponibilizaram a envolver-se com o projeto. A condução das oficinas contava com uma dupla ou um trio de alunos da graduação, sob a supervisão da professora responsável.

No Quadro 1 são descritos os 4 Encontros das Oficinas, sua organização, bem como *links* e materiais utilizados.

Todos os encontros foram organizados por Temas, com suas respectivas intencionalidades e etapas: 1. Atividade Principal: apresentação da dinâmica e/ou materiais pertinentes ao tema, estimulando envolvimento e participação de todos; mobilização de afetos, reflexões e trocas; 2. Reflexões e Fechamento: realização da síntese dos pontos trabalhados, com breve exposição dialogada com *slides* com intencionalidade do dia e conceitos abordados, para ciência dos participantes, do ponto de vista didático. Alguns encontros contaram também com “Aquecimento”, atividade inicial para algumas orientações e combinados e “Aprofundamento”, envio de material depois aos participantes para continuarem reflexões propostas.

MOMENTO

Diálogos em Educação

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Quadro 1: Organização das Oficinas

OFICINA 1	TEMA: Presença, Atenção plena e Autoconhecimento.
INTENCIONALIDADE	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Acolhimento, integração dos participantes e combinações; ✓ Desenvolver a atenção ampla ao momento, a si e ao outro.
AQUECIMENTO	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da PROPOSTA das oficinas, cronogramas e etc; • CONTRATO GRUPAL: Sigilo, confiança, presença, respeito, pontualidade, participação ativa.
ATIVIDADE PRINCIPAL	<p>Dinâmica denominada “Os sonhos de cada um”. Utilizam-se bexigas coloridas e é feita uma metáfora em relação aos sonhos que cada um teria para seu futuro. Cada bexiga representa os sonhos de cada aluno e é amarrada em sua perna, após eles compartilharem quais eram seus sonhos. A orientação passada é de que cada participante deveria proteger sua bexiga, não deixando que outro aluno a estourasse, como se fosse seu sonho. Embora a orientação/comando seja proteger suas bexigas, ao ser dado o sinal para atividade começar, alguns alunos começam a tentar estourar as bexigas dos outros. A atividade deve ser no pátio/ ao ar livre, o que permite que corram, se escondam e tenham um momento mais lúdico de interação.</p>
REFLEXÃO E FECHAMENTOS	<p>Terminado o tempo desta parte da atividade, as turmas voltam para as salas para reflexões: “Qual a importância dos meus sonhos? Para conquistá-los eu preciso destruir o sonho dos outros? Como me sinto quando atrapalham meus sonhos/tentam destruí-los? Como os outros devem se sentir ao tentarmos ou destruirmos os deles? Os sonhos dos outros são tão importantes quanto os meus? Estamos atentos aos nossos sentimentos e aos dos outros no momento presente?”</p>
APROFUNDAMENTO	<p>Envio de vídeo para autorreflexão: “Vamos ver as diferenças pelos olhos de uma criança?”. https://www.youtube.com/watch?v=vFsEZzo8MWk&t=4s</p>
OFICINA 2	TEMA: Empatia Afetiva.
INTENCIONALIDADE	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estimular os neurônios espelho e consciência do contágio emocional (iniciada com vídeo de aprofundamento enviado).
ATIVIDADE PRINCIPAL	<p>Dinâmica denominada “À primeira vista”, com o objetivo de sensibilização para a diversidade e reflexões sobre estereótipos e preconceitos. Nela, são apresentadas fotos de pessoas com diversas etnias, idades, aparências, culturas, gêneros e solicitado que os alunos lhes atribuam características positivas e negativas e profissões.</p>
REFLEXÃO E FECHAMENTOS	<p>Depois, incentiva-se a livre expressão dos estudantes e a reflexão dos participantes sobre suas percepções e reações diante da diversidade, além das implicações de possíveis preconceitos nas relações interpessoais, inclusive na escola.</p>

OFICINA 3	TEMA: Percepção Empática.
INTENCIONALIDADE	<p>✓ Compreender pistas emocionais, verbais e não verbais, relacionadas aos sentidos e percepções do outro no processo de COMUNICAÇÃO.</p>
ATIVIDADE PRINCIPAL	<p>Dinâmica denominada “Rótulos”. Os estudantes são separados em pequenos grupos, de 5 a 6 alunos aproximadamente. Para alguns estudantes (2 ou 3 alunos por grupo) são atribuídos adjetivos positivos ou negativos, que foram escritos e colocados em um suporte no pescoço/tipo crachá. Os adjetivos são distribuídos de forma aleatória pelos aplicadores. A escolha dos adjetivos pode ser sugerida pelos aplicadores e/ou pelos próprios alunos, sem que sejam ofensivos e constrangedores, mas que denotem uma “marca social”, característica dada por um grupo aos indivíduos. Como exemplo, pode-se usar personagens de histórias infantis, como “Os sete anões”, “Smurfs”, “Divertidamente”, como soneca, mestre, nojinho, zangado, dengoso e etc. Os alunos são instruídos a não falarem se a característica combinava ou não com o colega, pois o intuito da dinâmica não visava criticar ou julgar o comportamento de cada estudante. Assim que as características são distribuídas para alguns alunos, os aplicadores explicam que os demais participantes do grupo devem interagir com os colegas que receberam os adjetivos de acordo com o que estava escrito no suporte, sem a intenção de ofender o colega, mas atendendo ao “rótulo” dado.</p>
REFLEXÃO E FECHAMENTOS	<p>Ao final da dinâmica, os alunos que foram atribuídos os rótulos são estimulados a expressar como se sentiam quando seus colegas os tratavam apenas de acordo com o adjetivo recebido. Os demais alunos falaram como se sentiram ao resumir seus colegas a apenas uma característica. É possível debater em conjunto quais as implicações negativas e preconceitos quando realizamos um pré-julgamento de uma pessoa ou a tratamos apenas baseados em uma característica a qual conhecemos, imaginamos ou que ouvimos falar, o quanto isto é limitante e pode impactar a comunicação e as relações interpessoais. Destaca-se a importância de evitar-se julgamentos prévios sobre os colegas e reconhecer que nenhuma pessoa possui apenas uma característica, todos são mais complexos que elas e merecem respeito.</p>
OFICINA 4	TEMA: Adoção de Perspectiva.
INTENCIONALIDADE	<p>✓ Perceber preconceitos, voltar-se à alteridade, compreender e respeitar diversas visões de mundo e de vida. Adotar perspectiva do outro, diferente de mim, e que pode me mobilizar afetos variados positivos e negativos.</p>
ATIVIDADE PRINCIPAL	<p>Dramatização (Técnicas de <i>Roleplaying</i>, Psicodrama e Teatro do Oprimido). Dividir em subgrupos para breve cena de diálogo e conflito em função</p>

	da dificuldade de ver pela perspectiva do outro, divergência/diferença intensa, preconceito, julgamentos alheios. Personagens, enredo, mas improvisação. Encenar até o momento da pausa, deixando a cena sem resolução. Quem quiser, entra na cena e substitui um deles ou agrupa um novo personagem para a conclusão empática da situação. Pode-se especificar que as cenas devem conter uma situação de bullying no ambiente escolar ou virtual. Os aplicadores deixam as turmas se expressarem e montarem a encenação, dando apenas algumas dicas - caso precisem.
REFLEXÃO E FECHAMENTOS	Durante a dramatização, o grupo que fora encarregado de encenar deve parar a cena durante o ato de bullying/conflito, permitindo que o restante da turma participe e conclua positivamente o rumo da história. E seguem-se as apresentações, um grupo de cada vez. Ao final de cada cena, os aplicadores comentam e pedem a participação dos estudantes e avaliam se esta foi uma conclusão empática, que iria diminuir e/ou prevenir o <i>bullying</i> ou não.

Fonte: Autoria própria.

A organização das Oficinas baseou-se em Freitas (2019), no modelo PAPA, de acrônimo para suas quatro fases: Presença e Autoconhecimento, Afetividade Empática, Percepção Empática e Adoção de Perspectiva. O autor propõe intervenções presenciais e *online* que abordam tantos os aspectos cognitivos quanto os afetivos da empatia, adotando diferentes métodos de desenvolvimento de empatia, como didático, experiencial, estímulos por vídeos, treinamento de habilidades, e escritas. Durante os encontros, são utilizadas diversas estratégias com evidência de eficácia na literatura (Stepien; Baernstein, 2006; Lam; Kolomitro; Alamparambil, 2011; Batt-Rawden et al., 2013; Schweller, 2014; Moreto, 2015; Silva-Xavier; Polejack; Seidl, 2020), tais como jogos, dinâmicas de grupos, dramatizações, *roleplaying* e debate de vídeos e de situações-problema.

Após as Oficinas, 89 estudantes fizeram a narrativa reflexiva sobre suas percepções acerca dos encontros e as possíveis repercussões que tiveram. Realizou-se a Análise de conteúdo, na modalidade temática de Bardin (2011).

Caracterização dos participantes

Participaram 89 estudantes do sexto ao nono ano. A média da idade dos participantes foi de 12,6 anos, com desvio padrão (DP) de 1,34, o mínimo da idade constou 10 anos e o máximo 15 anos. Dos 89 alunos participantes, 68% eram do gênero feminino e 31% masculino;

6% possuíam alguma deficiência, sendo citadas deficiência física, auditiva, visual e Síndrome de Down.

Em relação à renda familiar, 38% dos alunos assinalaram até 1 salário mínimo (SM), 48% de 1 a 3 SM, 5,6% de 3 a 5 SM, 3,3% de 5 a 7 SM e 4,4% de alunos a partir de 7 SM. Quanto à raça e etnia, 19% dos alunos se autodeclararam como negros, 23% como pardos, 3,3% como indígenas e 52% como brancos, ademais 1,1% dos alunos se autodeclararam “moreno”.

Quanto ao desempenho escolar em relação ao último mês, 1,1% de alunos classificou seu desempenho como ‘péssimo’, 5,6% como ‘ruim’, 26% como ‘regular’, 55% como ‘bom’ e 11% como ‘excelente’. Quanto à satisfação com a vida escola, identificou-se: nenhum aluno como ‘totalmente insatisfeito’, 7,8% de alunos ‘pouco satisfeitos’, 38% como ‘parcialmente satisfeitos’, 32% como ‘muito satisfeitos’ e 21% como ‘totalmente satisfeitos’. Quanto à qualidade de vida, foi considerada uma classificação de 0 a 10. A média foi de 8,8, DP de 1,25, a classificação mínima de 4 pontos e a máxima de 10.

Resultados e Discussão

Ao final, os resultados das análises das narrativas geraram 3 (três) Unidades Temáticas, que indicaram aproveitamento e validade social da intervenção. Os temas, categorias e ideias centrais são apresentados no Quadro 2.

Os temas foram: 1. Empatia, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal (englobou repercussões pessoais das Oficinas, que geraram reflexões sobre preconceitos, percepções de suas próprias emoções e comportamentos e seus impactos no próximo, além de breves relatos de experiências pessoais como vítimas de bullying); 2. Clima escolar e relações interpessoais na escola (abarcou os impactos coletivos das Oficinas, gerando oportunidade de maior proximidade e vínculos entre os estudantes, com possibilidades de diminuição de conflitos, brigas e *bullying*) e 3. Manejo e condução das oficinas (abordou comunicação, acolhimento, adaptações diante das singularidades, necessidades e situações imprevisíveis em cada grupo e dia; habilidades dos facilitadores).

MOMENTO

Diálogos em Educação

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Quadro 2: Resultados das Narrativas Reflexivas sobre as Oficinas

TEMAS	CATEGORIAS ANALÍTICAS	IDEIAS CENTRAIS
1. EMPATIA, AUTOCONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL - Repercussões pessoais das Oficinas.	1.1 Reflexões sobre atitudes e comportamentos pessoais e seus impactos nos outros.	1.1.1 Reflexão sobre atitudes e comportamentos; 1.1.2 Percepção das suas ações e o impacto que pode gerar ao próximo.
	1.2 Aprendizados sobre pré-julgamentos e preconceitos.	1.2.1 Percepção de pré-julgamentos; 1.2.2 Desconstrução de preconceitos.
	1.3 Mudanças na percepção de emoções e sua expressão.	1.3.1 Reconhecimento de emoções; 1.3.2 Regulação emocional; 1.3.3 Sensação de acolhimento durante as dinâmicas.
	1.4 Experiência pessoal com o <i>bullying</i> .	1.4.1 Mudança de comportamento de quem sofria <i>bullying</i> .
2. CLIMA ESCOLAR E RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA - Impactos coletivos das Oficinas.	2.1 Impacto positivo nas relações interpessoais na escola.	2.1.1 Desenvolvimento de empatia e proximidade com os colegas; 2.1.2 Redução de brigas e conflitos após dinâmicas.
MANEJO E CONDUÇÃO DAS OFICINAS- Acolhimento, Comunicação e Adaptações das atividades.	3.1 Valorização da abordagem e conduções das oficinas.	3.1.1 Habilidades dos mediadores das Oficinas; 3.1.2 Comunicação para melhor compreensão das dinâmicas e intencionalidade; 3.1.3 Sensação de acolhimento e pertencimento durante as oficinas.

Fonte: Autoria Própria.

As oficinas proporcionaram uma troca de ideias e experiências interessantes para todas as turmas que participaram. Sugere-se que a questão da idade foi um fator que influenciou o entendimento das intencionalidades das atividades, a aplicação das dinâmicas e a maneira de abordar o tema. Participantes das séries finais (oitavo e nono anos) mostraram-se mais abertos quanto à participação das atividades, além de uma regulação emocional mais desenvolvida, no sentido de não terem expressões de reatividade emocional mais intensa, como alguns participantes do sexto ano, por exemplo, que demonstraram descontentamento ou, ao contrário, ficaram mais agitados e animados em demasia em alguns momentos, dificultando o manejo da atividade em grupo.

Com esses fatores surgiram desafios que exigiram uma abordagem criativa e singular para cada turma para que acontecesse a transmissão de mensagens importantes para refletirem sobre o reconhecimento das suas emoções e os afetos dos colegas.

A seguir são apresentados alguns relatos literais dos participantes para ilustrar algumas das ideias centrais em cada tema.

Tema 1 - Empatia, autoconhecimento e desenvolvimento pessoal - Repercussões pessoais das Oficinas

Nesta temática incluíram-se categorias sobre repercussões pessoais das Oficinas, indicando que as vivências promoveram reflexões sobre preconceitos, ampliaram as percepções sobre suas próprias emoções e seus comportamentos e os impactos destes no outros.

Alguns estudantes relataram sentimentos positivos a partir de suas vivências nas dinâmicas das oficinas e ressaltaram as reflexões pessoais propiciadas: “achei muito legal, é uma ótima forma de mostrar o que é o bullying, é uma dinâmica incrível. Senti alegria, felicidade, honestidade, risadas etc. Refleti sobre não fazer bullying e não destruir a vida e o sonho do outro’ (Participante, 16).

O olhar de diferentes perspectivas diante de uma mesma situação mostrou que a empatia foi além do “eu” e entrou em experiências alheias.

Gostei bastante da oficina, fez eu pensar bastante em minhas atitudes e querer ser uma pessoa melhor (Participante, 9).

As oficinas foram muito legais, tive sentimentos muito bons, me fez pensar

sobre o preconceito com os colegas, aprender que todos nós somos iguais independente da sua cor de pele, também me influenciou a ter mais empatia e entender melhor as coisas (Participante, 10).

Obviamente, a questão da violência é muito complexa e multifacetada, sendo influenciada por aspectos socioeconômicos, políticos e culturais. Também pode ter relação com questões de saúde mental, uso de substâncias psicoativas, dinâmicas e vínculos familiares, vivências de negligência e/ou violência e tantos outros elementos da história de vida e do contexto social dos estudantes. Dentre os fatores associados ao *bullying*, destacam-se as habilidades socioemocionais, sociais e de comunicação. O desenvolvimento das competências socioemocionais pela escola pode contribuir para enfrentamento do *bullying*, não simplesmente pela proibição ou punição dos envolvidos, mas por meio do desenvolvimento de empatia, respeito e ética, gerando um clima escolar mais pacífico e saudável (Ricci; Cruz, 2021). O desenvolvimento de empatia requer estratégias educacionais que tenham a intencionalidade de desenvolver esta habilidade. Neste sentido, as Oficinas podem ter propiciado o aprendizado de habilidades empáticas, o que potencialmente poderá contribuir para relações mais positivas na escola, a depender das demais variáveis intervenientes no contexto.

O que a literatura tem indicado é que a partir do momento que as pessoas conseguem pensar e/ou sentir o que em tese as vítimas estariam pensando e/ou sentindo quando agredidas, criam-se roteiros cognitivos ativados ao vivenciarem situações semelhantes. De tal sorte que, afim de evitar essas sensações desagradáveis experimentadas deste a tomada de perspectiva da dor do outro, comportamentos tanto de *bullying* quanto de *cyberbullying* seriam reduzidos (Dutra et al., 2022). Especificamente estes autores indicaram resultados positivos a partir do uso de técnicas de dramatizações, também utilizadas nas Oficinas neste estudo.

Bezerra e Galvão (2020) evidenciaram resultados semelhantes, com diminuição de envolvimento com *bullying* em crianças que passaram por intervenções nas quais ‘colocavam-se no lugar dos outros’.

Algumas narrativas apresentaram também breves relatos de experiências pessoais com *bullying*, apontando as implicações negativas destas vivências. Percebe-se também em determinadas falas, o quanto vítimas podem se tornar agressores, reproduzindo o ciclo de violência e sofrimento e o potencial de atividades como as realizadas para romper com estas situações.

Antes eu ficava bravo com quem fazia *bullying* comigo e batia neles por ódio, mas hoje sou mais calma por causa da oficina (Participante, 5).

Os relatos dos estudantes indicam algumas das repercussões do *bullying* para as vítimas, evidenciados nas pesquisas sobre o tema, afetando a saúde física e mental, qualidade de vida e rendimento escolar (Silva et al., 2019; Valle et al., 2015; Souza et al., 2017). Neste sentido, relatos como este destacam o potencial da intervenção para o autoconhecimento e mudanças nas formas de reação diante de situações desta natureza, para que as agressões não sejam repetidas em ciclos.

Tema 2 – Clima escolar e relações interpessoais na escola – Impactos

O apoio mútuo e acolhimento dentro da comunidade escolar se mostrou presente a partir do sentimento de pertencimento, sendo a escola referida por alguns como “família”. As oficinas *antibullying* parecem ter contribuído para um clima escolar mais solidário. Fortaleceu-se a ideia inicial de desenvolvimento empático e sugere-se que foi além, com a quebra de barreiras antes “invisíveis”, mas que existiam na instituição, construindo uma ponte para que cada um compreendesse o seu sentimento e o do próximo, assim dando abertura para a proximidade com seus colegas.

Eu acho que a oficina foi muito útil, fez todos refletirem sobre suas ações e também fez com que a gente tivesse mais empatia e se colocasse no lugar de outras pessoas e também descobri que muitas pessoas podem estar no mesmo caminho que você, se aliar com outras pessoas com o mesmo sonho que você (Participante, 15).

Achei legal e bem divertido, não sei dizer muito bem mas, me senti mais acolhida pela sala, me fez pensar que apesar de brigas na sala a gente tem que sempre apoiar um ao outro... sim, sim, eles fazem você se sentir como uma família na escola por que é onde você vive e viveu a sua vida toda (Participante, 40).

Há que se envolver a comunidade escolar nesse processo, com a participação ativa dos estudantes, bem como de professores, gestores e famílias. Os projetos devem trabalhar autoconhecimento, habilidades sociais, comunicação assertiva, aprendizagem cooperativa, ética e resolução de problemas, entre outras competências que podem ajudar a melhorar a convivência entre os alunos (González; Ramírez, 2017; Vilchis et al., 2015).

Acho que atividades assim podem passar uma referência para os alunos da escola, pesando a mente deles (Participante, 16).

...acho que esse tipo de coisa pode ajudar as pessoas a refletirem e perceberem que está errado certas atitudes (Participante, 9).

Fizemos várias brincadeiras sobre como lidar com o *bullying* que não é certo, no geral foi tudo muito bom para a gente e para os outros que praticam *bullying* a entender que não é certo fazer isso (Participante, 10).

Percebe-se a preocupação de alguns estudantes não só com o próprio comportamento, mas com o de terceiros, possivelmente agressores, e uma expectativa de que a intervenção também os faça refletir. Este olhar sobre o comportamento alheio aponta para o importante papel das testemunhas nos casos de *bullying*.

Pesquisas indicam que as testemunhas têm um papel decisivo para a continuidade, ou agravamento ou o término de situações de *bullying* (Alckimin-Carvalho, 2014; Howard; Landau; Pryor, 2014). Acontece que as testemunhas também podem sofrer represálias quando tentam intervir, por meio de ameaças e vitimização. Ademais, algumas situações de violência são naturalizadas ao longo do tempo, inclusive na escola, não sendo mais vistas como um problema, minimizadas em sua gravidade e até passam a ser aceitas como formas de resolução dos problemas. Desta forma, as reflexões dos participantes sobre a necessidade de pensarem e agirem enquanto testemunhas é relevante no enfrentamento do *bullying* escolar.

Tema 3 - Manejo e condução das oficinas: acolhimento, comunicação e adaptações das atividades

Os participantes se mostraram satisfeitos com as oficinas não só pelas atividades, mas sim pela forma como foram mediadas. Destacaram as personalidades calmas e amigáveis dos aplicadores/mediadores. Essa interação entre as partes foi percebida como divertida, o que contribuiu positivamente para a criação de um espaço de confiança dentro das oficinas.

Eu achei divertido as atividades de *bullying*, que nem a primeira atividade com (bolsista 1) e (bolsista 2), os dois são legais e calmos (Participante, 70).

Eu achei bom, me sinto bem, o (bolsista 1) ele é “daora” e a (bolsista 2) ela é boa e legal (Participante, 51).

O tratamento recebido durante as oficinas com uma comunicação efetiva dos mediadores, destacando a gentileza e o respeito, fez o olhar se voltar para as oficinas de maneira mais interessada e positivamente provocativa, assim chegando a reflexões sobre a natureza do *bullying* e as suas consequências.

Eu adorei participar, fui muito bem tratado e os representantes que vieram aqui foram muito gentis também, a oficina foi interessante, ela me fez pensar muito sobre o *bullying* e como ele pode ser perigoso tanto para vítima como para o valentão (Participante, 17).

As atividades foram super divertidas e criativas, criando um jeito mais atencioso de aprender sobre o *Bullying*. Acho que cada um teve sentimento de que aprendeu algo com essas dinâmicas (Participante, 55).

A criação de um ambiente acolhedor junto com a promoção do sentimento de pertencimento foi ressaltada nos relatos. O apoio mútuo fez com que as salas começassem a ter uma simbolização verdadeira de comunidade escolar, o que pode contribuir para diminuição de *bullying* neste ambiente.

Ademais, a confiança estabelecida nas relações junto aos facilitadores das Oficinas, que poderiam se estender aos professores, funcionários e demais figuras de autoridade no ambiente escolar, pode ser benéfica especialmente no que tange à ampliação de relatarem situações de *bullying* vivenciadas e/ou testemunhadas.

Os estudantes de Ensino Médio participantes da pesquisa de Vieira; Vieira e Simão (2023) indicaram, em sua maioria, que nunca ou quase nunca contavam para alguém sobre situações de violência escolar ocorridas (nem para outros alunos, nem para professores e nem para pais e responsáveis) e que, quando relatavam algo, nunca ou quase nunca os outros intervinham de forma efetiva nos casos. Estes achados acendem um alerta, pois apenas quando os adultos tomam conhecimento do que se passa, existe a possibilidade de buscar formas de enfrentamento dos problemas. Levantam-se as hipóteses sobre as razões que levam estes estudantes a se manterem calados diante de fatos violentos vivenciados ou presenciados. Receio de retaliação por parte dos agressores, ameaças, vergonha e sentimentos de culpas podem estar presentes. Questiona-se também o quanto há um vínculo estabelecido de fato com seus professores, coordenadores, diretores, de modo que haja espaço para escuta sobre estas

demandas, sem julgamentos, com o devido acolhimento, bem como com intervenções que não tragam constrangimento e mais riscos e sim tenham êxito em lidarem com conflitos desta natureza. Sendo assim, os relatos dos participantes sobre como sentiram-se nas Oficinas indicam um potencial de atividades deste tipo, para que se estabeleça este clima de respeito mútuo, incentive-se e valorize-se a expressão do alunado sobre o que tem vivido no ambiente escolar e que o que for dito seja acolhido devidamente.

Conclusão

Conclui-se que as Oficinas receberam a validação social dos estudantes, que perceberam impactos positivos em vivenciá-las, no sentido do desenvolvimento de autoconhecimento e empatia, sentimentos mais positivos relacionados ao ambiente escolar, ampliação dos vínculos entre pares, compreensão dos impactos negativos do *bullying* e valorização dos mediadores das atividades. O conhecimento produzido por meio da pesquisa pode aprimorar intervenções a serem implementadas futuramente em outras escolas, de forma a melhorar o clima escolar e trazer repercussões positivas para o desempenho acadêmicos dos alunos, suas relações interpessoais e saúde física e mental.

Referências

- ALCKMIN-CARVALHO, F. Bullying, problemas de comportamento e adversidade familiar em adolescentes de escolas públicas paulistas. **Dissertação (Mestrado)**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2014.
- ARAÚJO, C. M. F. A. de; COUTINHO, D. J. G. Violência escolar – uma revisão sistemática de literatura entre 2009 e 2019. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, Criciúma, v. 6 n. 1, p. 1-16, 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo (SP): Edições 70, 2011.
- BATT-RAWDEN, S. A. et al. Teaching empathy to medical students: an updated, systematic review. **Acad Med**, v. 88, n. 8, p. 1171-1177, 2013.
- BEZERRA, V. A. S.; GALVÃO, L. K. S. A promoção da empatia como estratégia de prevenção ao bullying na infância. In: MELLO, R. G.; FREITAS, P. G. (Orgs.). **Saberres, experiências e práticas na educação contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora e-Publicar. 2020.

BOMBEKE, K. et al. Medical students trained in communication skills show a decline in patient-centered attitudes: An observational study comparing two cohorts during clinical clerkships. **Patient Educ Couns**, v. 84, p. 310–318, 2011.

BRASIL. **Lei n. 13.185**, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, SEB, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BREWER, G.; KERSLAKE, J. Cyberbullying, self-esteem, empathy and loneliness. **Computers in Human Behavior**, n. 48, p. 255–260, 2015.

DUTRA, M. P. et al. Desenvolvimento da empatia para reduzir bullying e cyberbullying entre estudantes adolescentes. In: CASTRO, P. A. de; SALGUEIRO, M. (Org.). Educação emocional. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/educacao-emocional>. Acesso em: 07 jun. 2024.

FREITAS, J. C. T. de. Desenvolvimento da Empatia por Meio do E-Learning. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GONZÁLEZ, B. M.; RAMÍREZ, V. M. Acoso escolar y habilidades sociales en alumnado de educación básica. **Ciencia ergo-sum**, v. 24, n. 2, p. 109-116, 2017.

GÓRRIZ, A. B.; GÓMEZ, K. C.; BADENES, L. S. Análisis de la evitación de responsabilidad en preadolescentes implicados en acoso escolar. **International Journal of Developmental and Educational Psychology: INFAD. Revista de Psicología**, v. 2, n. 1, p. 39-48, 2011.

HOJAT, M. et al. Physician empathy: Definition, components, measurement, and relationship to gender and specialty. **Am J Psychiatry**, v. 159, p. 1563–1569, 2002.

HOLT, M. K. et al. Bullying and suicidal ideation and behaviors: A meta-analysis. **Pediatrics**, v. 135, n. 2, e496-e509, 2015.

HOWARD, A. M.; LANDAU, S.; PRYOR, J. B. Peer bystanders to bullying: Who Wants to Play with the Victim? **Journal of abnormal child psychology**, v. 42, n. 2, p. 265-276, 2014.

JENKINS, L. et al. Associations among middle school students' bullying roles and social skills. **Journal of School Violence**, v. 15, n. 3, p. 259-278, 2014.

JENKINS, L. N.; NICKERSON, A. B. Bystander Intervention in Bullying: Role of Social Skills and Gender. **The Journal of Early Adolescence**, v. 39, n. 2, p. 141-166, 2019.

KAPPEL, V. B. et al. Enfrentamento da violência no ambiente escolar na perspectiva dos diferentes atores. **Interface-Comunicação, Saúde e Educação**, v.18, n.51, p. 723-35, 2014.

LAM, T. C. M.; KOLOMITRO, K.; ALAMPARAMBIL, F. C. Empathy training: Methods, evaluation practices, and validity. **Journal of Multidisciplinary Evaluation**, v. 7, n. 16, p. 162-200, 2011.

LIM, B. T.; MORIARTY, H.; HUTHWAITE, M. "Being-in-role": A teaching innovation to enhance empathic communication skills in medical students. **Med Teach**, v. 33, p. 663-669, 2011.

MORETO, G. Avaliação da empatia de estudantes de medicina em uma universidade na cidade de São Paulo utilizando dois instrumentos. **Tese (Doutorado em Ciências Médicas)**. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MUSZKAT, M. et al. Teaching empathy through poetry: A clinically based model. **Medical Education**, v. 44, p. 503, 2010.

NEVES, M. A. P. Empatia, assertividade e envolvimento em comportamentos de bullying em adolescentes. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Lusíada do Norte. Porto, 2020.

OLIVEIRA, W. A. et al. Associations between the practice of bullying and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 01 mar. 2025.

OZELLA, S. **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

RICCI, T. F.; CRUZ, J. A . S. O desenvolvimento das competências socioemocionais em alunos da educação básica como ferramenta de combate ao "bullying" nas escolas. **Nuances Est. Sobre Educ.**, Presidente Prudente, v. 32, 2021.

SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015.

SCHWELLER, M. O ensino de empatia no curso de graduação em medicina. **Tese**. Universidade Estadual de Campinas, 2014.

SHAPIRO, J. et al. Point-of-view writing: A method for increasing medical students'

empathy, identification and expression of emotion, and insight. ***Educ Health*** (Abingdon), v. 19, p. 96–105, 2006.

SILVA, G. P. da et al. Bullying e violência no ambiente escolar: uma revisão de literatura no período de 2015-2019. ***Revista Eletrônica Acervo Saúde / Electronic Journal Collection Health***, v. 11, n. 13, p. 1-8, 2019.

SILVA, J. L. et al. The effects of a skill-based intervention for victims of bullying in Brazil. ***International Journal of Environmental Research and Public Health***, Switzerland, v. 13, n. 10, p. 1042-1052, 2016.

SILVA-XAVIER, E. A. DA; POLEJACK, L.; FLEURY SEIDL, E. M. Comunicação de Notícias Difíceis: Revisão Integrativa Sobre Estratégias de Ensino na Formação Médica. ***Revista Psicologia e Saúde***, v. 12, n.3, p. 47-61, 2020.

SOUZA, M. M. M.; STELKO-PEREIRA, A. C. Relações entre violência escolar, gênero e estresse em pré-adolescentes. ***Revista Eletrônica de Educação***, v. 10, n. 1, p. 110-127, 2016.

SOUZA, J. A. et al. *Bullying*, identidade e direitos humanos no contexto escolar. ***IV Congresso Nacional de Educação***, VOL. 1, 2017.

STEPIEN, K. A.; BAERNSTEIN, A. Educating for empathy: A review. ***Journal of General Internal Medicine***, v. 21, p. 524–530, 2006.

TOGNETTA, L. R. P. et al. Bullying e cyberbullying: quando os valores morais nos faltam e a convivência se estremece. ***Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação***, Araraquara, v. 12, n. 3, p. 1880-1900, 2017.

TTOFI, M. M.; FARRINGTON, D. P. Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: a systematic and meta-analytic review. ***Journal of Experimental Criminology***, v. 7, n. 1, p. 27-56, 2011.

VALLE, J. E. et al. Bullying, vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar. ***Psicologia Escolar e Educacional***, v. 19, n. 3, p. 463-473, 2015.

VAN NOORDEN, T. H. J. et al. Empathy and Involvement in Bullying in Children and Adolescents: A Systematic Review. ***J Youth Adolescence***, v. 44, p. 637–657, 2015.

VIANNA, J. A. et al. *Bullying* nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio. ***Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas e Educação***, v. 23, n. 86, p. 73-93, 2015.

VIEIRA, C. M.; SIMÃO, A.; VIEIRA, N. O. Bullying no ensino médio: vivências de alunos como vítimas, agressores e testemunhas. ***Anais IX CONEDU...*** Campina Grande: Realize

MOMENTO

Diálogos em Educação

Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Editora, 2023. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/100914>>. Acesso em: 01 mar. 2025.

VILCHIS, R. M. et al. Prevención de la violencia escolar cara a cara y virtual en bachillerato. **Psychology, Society & Education**, v. 7, n. 2, p. 201-212. 2015.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WOLKE, D.; LEREYA, S. T. Long-term effects of bullying. **Archives of Disease in Childhood**, v. 100, n. 9, p. 879-885, 2015.

Submetido em: 25/11/2024

Aceito em: 15/08/2025

Citações e referências
conforme normas da:

